
EDITORIAL

"UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO PARA UMA NOVA CULTURA"?

Para celebrar o quarto centenário da evangelização da América Latina, deverá realizar-se em Santo Domingo, capital da República Dominicana e Sé Primacial das Américas, a Quarta Conferência Episcopal Latino-Americana. Em continuidade com as anteriores, esta reunião de representantes do episcopado de todos os países ao sul do Rio Grande terá imensa responsabilidade, se consideramos a repercussão que esse gênero de encontros costuma ter para a Igreja do Continente e mesmo para a Igreja universal. A Primeira Conferência, no Rio em 1955, fundou o CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano) e foi assim pioneira na criação de conferências episcopais em nível continental. A Segunda, em Medellín (1968), marcou de forma indelével a posterior caminhada da Igreja latino-americana, tornando-a símbolo de renovação pós-conciliar em resposta às condições específicas do Continente. A Conferência de Puebla (1979), por sua vez, confirmou os rumos da Igreja latino-americana. A opção pelos pobres se tornou o fulcro de toda atividade eclesial na América Latina.

Em todos esses eventos, foi de fundamental importância a escolha do tema de estudo e reflexão dos bispos. Medellín pretendeu — e conseguiu — estabelecer as balizas da "presença da Igreja na atual transformação da América Latina". Esta conferência significou a aplicação do Concílio Vaticano II à realidade latino-americana.

Puebla procurou concretizar para nossa situação os princípios do Sínodo dos Bispos sobre a evangelização, magnificamente reassumidos e sistematizados na Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi de Paulo VI. "A evangelização no presente e no futuro da América Latina" foi o tema escolhido.

A repercussão dos temas nos diversos âmbitos da Igreja, mas especialmente entre nós, deveria suscitar perplexidade frente ao tema anunciado para a Conferência de Santo Domingo: "Uma nova evangelização para uma nova cultura". Ele apresenta ambigüidades que deveriam ser desfeitas, enquanto é tempo.

A primeira ambigüidade está no próprio termo "nova evangelização". Ele pode dar a impressão de que se quer desfazer ou desconsiderar o que foi feito nestes cinco séculos de evangelização e, principalmente,

nas últimas quase três décadas marcadas pelo signo da renovação conciliar.

Na realidade a evangelização da América Latina deu frutos e frutos abundantes. Lembrem-se apenas dois elementos da tradição cristã latino-americana. Um mais antigo, que é a religiosidade popular. Ela testemunha o profundo enraizamento da fé em nosso Continente. Outro fruto, mais recente, é a abertura e disponibilidade evangélicas com que o Vaticano II foi "recebido criativamente entre nós. Disso dão prova Medellín e Puebla. Inclusive é dos bispos reunidos em Medellín a expressão "nova evangelização" (Mensagem aos Povos da América Latina). E o tema da Terceira Conferência já foi a evangelização. Poderia mesmo perguntar-se: por que retomá-lo?

Sem dúvida, tem sentido aprofundar aspectos de um tema já parcialmente tratado. No caso: a relação evangelização e cultura. Mas o adjetivo "nova" não deveria levar a esquecer sua continuidade com Medellín e Puebla. Menos ainda — e é o Papa que nos adverte — pensar que seria preciso reevangelizar o Continente. Desde Medellín — tomada aqui como data-símbolo — a obra da evangelização vem sendo feita de forma renovada, respondendo às urgências da realidade. Não significa que não possa ser ainda aperfeiçoada, p. ex., levando mais em consideração a pluralidade de culturas — inclusive novas — que na América Latina convivem, se sobrepõem ou mesmo se hostilizam.

Com isso chegamos ao tema de Santo Domingo: Uma nova evangelização para uma nova cultura. Ele é passível de duas interpretações. Por um lado, poderia significar que se constata o surgimento de uma nova cultura no Continente e conclui-se que está a exigir uma resposta evangelizadora, a nova evangelização. Neste sentido, o dístico é perfeitamente válido, pois cada nova cultura precisa de uma tradução do Evangelho que responda aos novos desafios e cada nova tradução do Evangelho mostra novas facetas, aprofunda a "verdade sempre antiga e sempre nova".

Entretanto, por outro lado, o dístico poderia significar que a nova evangelização pretende criar uma nova cultura. A essa interpretação será preciso levantar sérias objeções que a tornam inaceitável.

Em primeiro lugar, porque ela significaria a negação prática, senão teórica — da diferença entre cultura e Evangelho. De fato, se a evangelização visa a criar cultura, tal cultura se tornará intrínsecamente parte da própria evangelização, de tal forma que questionar a cultura "cristã" daí resultante seria pôr em questão o próprio cristianismo. Haveria o perigo de "canonizar" determinada cultura com grande dano para o caráter missionário do Evangelho. Aceitá-lo seria aceitar a cultura

que dele deriva e negar a própria tradição cultural. O Evangelho deixaria de ser Evangelho para tornar-se Lei.

Fica claro que não acolhemos aqui o conceito de cultura que a identifica com a superestrutura ou sistema ideológico de um povo ou classe social. Esta concepção adotada por cientistas sociais coincide substancialmente com o conceito grego de cultura como **paideia** (formação das elites). Nesta segunda interpretação do dístico proposto como tema para Santo Domingo, continuar-se-ia a supor o conceito de cultura como característica de alguns dentro da sociedade que, graças a sua posição, conseguem atingir esse estágio privilegiado. Seria, pois, uma qualificação elitista que distingue entre pessoas cultas e pessoas sem cultura, culturas superiores e culturas inferiores.

Essa concepção clássica, muito generalizada (inclusive na Igreja onde comumente se entende por "pastoral da cultura" a pastoral dos intelectuais), foi há muito superada pela antropologia. Hoje se entende cultura como um sistema complexo, pelo qual o ser humano se relaciona com a natureza, o outro e o Transcendente. Ela compreende o conjunto de modos de agir sobre a natureza adaptando-se às finalidades humanas (sistema adaptativo), o conjunto de padrões que regulamentam as relações entre as pessoas (sistema associativo) e as formas de comunicação simbólica, os modos de expressar em saber abstrato os outros sistemas, as maneiras de interpretar a realidade e dar-lhes sentido (sistema interpretativo). Ora, isso acontece em todo agrupamento humano. Vale dizer: não há ser humano sem cultura. Ser gente é ser culto. Tampouco há hierarquia entre as culturas, podendo ser classificadas em inferiores ou superiores, pois o critério de classificação é tirado de um dos sistemas (em geral o adaptativo: progresso tecnológico) e, por isso, sempre unilateral. Ora, uma cultura tecnologicamente muito avançada pode ser extremamente involuída do ponto de vista dos sistemas associativo ou interpretativo. Por que seria superior? É preciso, pois, afirmar que simplesmente há culturas diferentes!

À luz dessas considerações, a expressão escolhida como tema para a Conferência de Santo Domingo se pode constituir na negação do pluralismo cultural. De fato, no dístico a palavra "cultura" se apresenta no singular. A "nova evangelização" parece que deverá criar uma "nova cultura" e somente uma. Fecha-se o espaço do pluralismo. Renuncia-se a qualquer forma de inculturação. O Evangelho se torna colonizador e, com isso, nega-se a si mesmo, pois a colonização é negação da vida, é má notícia, corta a perspectiva de futuro.

Além disso, a criação de uma nova cultura não pode ser voluntariamente imposta como programa de ação da Igreja. Toda proposta de transformação cultural, por mais desejável que esta seja, só poderá ser

proposta, convite a ser aceito em liberdade. A fé é essencialmente livre; não pode ser imposta a ninguém. Mas, quem a aceita, deverá levá-la às últimas conseqüências: impregnar da luz da fé toda sua vida, as raízes mesmas de sua existência, representadas por sua cultura. Assim quem aceita a fé, tratará de evangelizar sua cultura, de descobrir as "sementes do Verbo", a presença oculta do Reino em sua cultura e, ao mesmo tempo, corrigir, pela força do Evangelho, as eventuais distorções. Numa palavra: tratará de inculturar o Evangelho. O Evangelho fecunda as culturas, modificando-as desde dentro, quando os sujeitos da respectiva cultura, acolhendo o questionamento evangélico, encontram caminhos para expressar-se de forma nova, fiel ao Evangelho e, ao mesmo tempo, fiel à cultura que lhes é própria.

É necessário manter essa dinâmica do Evangelho e, portanto, da Igreja, seu arauto. A negação do pluralismo cultural e do pluralismo eclesial acaba sendo a negação da catolicidade da Igreja. Católico significa espalhado pelo todo, conferindo unidade à diversidade. Se não há diversidade, não há catolicidade, mas simples monoticidade. E nada menos católico que a uniformidade monolítica. Cria-se, quando muito, uma nova cristandade, onde a Igreja, em vez de ser sacramento do Reino, quer ser o próprio Reino presente. Onde a Igreja se reveste de absolutismo e acaba caindo na tentação do poder: dominar as nações, tiranizá-las e ainda pretender ser reconhecida como benfeitora (cf. Lc 22,25; Mc 10,42-45). Outra é a lógica de Jesus, a lógica do Servo de Javé que não eleva sua voz, não quebra o caniço rachado nem apaga a mecha que ainda fuma (cf. Mt 12,16ss; Is 42,1-4).

*Dentro da lógica de Jesus, o Concílio soube valorizar a multiplicidade das culturas e reconhecer sua contribuição à catolicidade da Igreja (cf. LG 13; GS 44). Soube recolher a riqueza da reflexão patrística e relê-la para nossos dias. Especialmente o princípio *quod non est assumptum, non est sanatum*: o que não foi assumido pelo Verbo na encarnação, não foi redimido. Aplicado às culturas, este axioma cristológico é rico em conseqüências. Será preciso assumir "em admirável intercâmbio todas as riquezas das nações, herança de Cristo" (AG 22).*

Puebla faz eco ao Concílio, afirmando que a Igreja, ao anunciar o Evangelho, se encarna nos povos e assume suas culturas. Por um lado, "a fé transmitida pela Igreja é vivida a partir de uma cultura pressuposta... Por outro lado, continua válido na ordem pastoral, o princípio da encarnação formulado por Santo Irineu: 'o que não é assumido não é redimido'" (Puebla 400).

Essas perspectivas levam-nos a crer que o mote previsto como tema para Santo Domingo não deve ser interpretado da segunda maneira aludida acima, por mais que não faltem segmentos dentro da Igreja

que propugnem uma neocristandade de cultura monolítica pretensamente cristã. Essa interpretação não estaria em continuidade com o Concílio nem com Medellín e Puebla a que o Papa sempre se tem referido nos discursos em que propõe uma nova evangelização para a América Latina. Para evitar totalmente a ambigüidade seria talvez preciso buscar outra formulação que expressasse corretamente a intenção do encontro e do diálogo entre Evangelho e cultura, a função profética e crítica do Evangelho frente às culturas, a riqueza plural que a vivência e formulação do Evangelho poderá receber das diferentes culturas. Se o dístico for entendido da primeira maneira, "numa nova cultura, uma nova evangelização", então sim, a Conferência de Santo Domingo será novo marco promissor para a vida eclesial da América Latina, incentivando, num novo Pentecostes, o entendimento entre os povos de diferentes culturas para que, falando cada um na sua "língua", todos os entendam apregoar unanimemente as maravilhas de Deus (cf. At 2, 1-13).